

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Semestre		Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 166	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAYURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	2\$800	1\$800	650	120	1 DE AGOSTO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAÇAS, 42
Possesões ultramarinas, (idem)	4\$300	2\$800	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$300	2\$800	-	-		
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	-	-		

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

Até que em fim, *Deo gratia!*

E para eu fallar latim, eu que odeio profundamente essa lingua dos grandes poetas e dos immundos sachristas, é que o caso é grave e o momento é solemne.

Os delegados da saude publica resolveram-se finalmente a bater á porta do tribunal da Boa Hora.

Toda a gente sabia ha muito tempo que o grande foco d'infeccção de Lisboa é essa decrepita e enxovalhada caverna onde entre montes de lixo, milhares de vermes, occulta por detraz de miasmas pestilentos, e de teias gigantescas de aranhas colossaes, vive a austera matrona que se chama a Justiça.

Toda a gente o sabia, mas ninguem lá ia bater á porta.

Visitavam-se os quintaleijos da cidade alta, os saguãos da baixa, e parecia que todos ignoravam que o grande saguão immundo de Lisboa é a Boa Hora.

E entretanto nada mais facil de saber.

Pela immundice do que se vê, do que está aberto ao publico, calculava-se facilmente o que estaria dentro d'aquelles casinhotos escuros, cujas portas nunca se abrem — felizmente — aos profanos!

E até esse o caracteristico principal da justiça em Portugal, como já uma vez disse, creio, que aqui mesmo.

A justiça de Portugal é notavel entre todas as justizas do mundo, não pelo seu rigor; pela sua porcaria.

Não é com o açoite terrivel do castigo justo, que ella aterrorisa o crime, é com a immundice dos seus tribunaes e das suas cadeias.

A miragem da forca, da guilhotina, podem deixar impassiveis os fortes, e os corajosos: a perspectiva d'um julgamento na Boa Hora, e d'uma detenção no Limoeiro faz empallidecer d'horror todo o homem civilisado.

Não é o amor á vida que em Lisboa detem o homem que vae praticar um crime, é o amor á agua.

Como systema penal talvez que esta substituição de penalidades, não deixe de ser judiciosa e original: mas tudo n'este mundo tem os seus contras e a justiça assim comprehendida e executada pode ser um bem moral para a sociedade, mas é ao mesmo tempo um perigo permanente e enorme para a saude publica.

E é sob este ponto de vista que a Boa Hora está sendo agora, — tarde sim, mas sempre vale mais tarde do que nunca — discutida pela policia e pelos delegados de saude.

E d'aqui a pouco se os poderes superiores não intervierem,

não mandarem deitar abaixo a Boa Hora, o Limoeiro e o Aljube, sepultando-os em enormes lagos d'agua de Labarraque, e submettendo a successivos banhos d'agua phenica todos os seus empregados, levantar-se-ha um serio conflicto entre a policia sanitaria e a justiça criminal.

A repartição de saude não poderá consentir de forma alguma, sob qualquer pretexto que seja, que se agarre n'um sujeito são e valido e que se metta n'aquelle foco d'infeccção que se chama Boa Hora: não poderá consentir tão pouco que as portas do Limoeiro se abram para aquelles que tiverem já cumprido sentença, e que esses venham cá para fora infeccionar a população.

E francamente não vemos o meio de resolver esse conflicto: porque no fim de tudo a justiça tem o direito de dispor da liberdade d'aquelles que delinquiram, mas não tem o direito de dispor da sua saude: pode condemnar um homem a degredo perpetuo o que não pode é condemnalo a um typho ou a um ataque do cholera.

Por isso é melhor evitar o conflicto do que

depois verem-se embaraçados para o debellar. A Boa Hora é um foco de infeccção physica: abaixo com ella.

O Limoeiro accumula essa infeccção com a infeccção moral: idem.

São duas enormes officinas de doenças e de crimes, a que é preciso fechar a porta.

Estabeleçam-se lazaretos para todos que de lá sairem, beneficie-se bem todo o pessoal existente e depois vida nova... se poderem, como dizia o bom do S. Philippe Nery aos seus discipulos desinquietos.

Se o cholera morbus asiatico, servir para acabar com a Boa Hora, Limoeiro e Aljube, pôde-se gabar de ter feito um bello favor a Lisboa, favor tanto maior quanto menos elle cholera se aproximar de Portugal.

O verão este anno tem-se portado excellentemente comnosco lisboetas: escalda ás vezes, coitado, não pôde deixar de o fazer, pois que é elle verão, mas manda logo a correr, uma brisa fresca do norte curar-nos queimaduras do sol.

Todos os dias ha umas horas terriveis de calor, das 10 ás 4, ordinariamente, mas depois o tempo refresca e as tardes tem sido lindissimas.

O que é uma lastima, é que Lisboa não tenha nada em que se aproveite essas tardes.

Não seria mau que as camaras municipaes de Lisboa e do nosso *fora da terra*, e que a repartição de Obras Publicas pensasse um bocadinho n'isso. Porque no fim de contas arranjar uns passeios bem arborisados em bons sitios não é simplesmente um objecto de luxo, é uma questão de hygiene.

Um pobre diabo qualquer, que tem que passar o verão em Lisboa e que quer aproveitar uma tarde ou um dia n'um passeio saudavel e agradável que demonio hade fazer?

Empoeirar-se nas estradas de Bemfica ou de Belem? Fazer a travessia do caneiro de Alcantara? Ir respirar os aromas da valla do Campo Grande, n'aquella charneca arida, poeirenta, abandonada completamente pelos poderes publicos?

Ora o Campo Grande podia e devia ser o mais formoso e hygienico passeio de Lisboa.

A dois passos da cidade, com a sua enorme extensão de terreno bastava um bocadinho de boa vontade, de bom gosto, para fazer d'elle o nosso *Buen Retiro*.

E entretanto o que fazem? Um quintaleco abandonado, onde as hervas crescem pelas ruas, onde os pedregulhos impedem o caminho onde o mau tratamento inutilisa arvores frondosissimas, e de quem os miasmas doentios d'uma valla anachronica fazem um deserto.



O GENERAL D. MAXIMO SANTOS, NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DE URUGUAY

é a capital podendo ter a um quarto d' hora de caminho um passeio delicioso, onde a sua população tomasse ar e se divertisse, só tem um chavascal immundo, para onde se vai por uma charneca arida, e d'onde se volta com febres paludosas e malignas.

Lisboa necessita e reclama com urgencia estas obras de que não só depende o seu aformoseamento, como também a sua saúde.

E já que fallamos em aformoseamento, lembremos aqui uma obra deliciosa, que com facilidade se poderia tornar d'uma utopia artistica n'uma realidade encantadora. A camara municipal anda agora mechendo na alameda de S. Pedro de Alcantara, e fez já ali uma obra importante, a sua nova que desce de S. Pedro d'Alcantara por baixo da muralha, até ao largo de S. Sebastião das Taipas, uma rua larga e formosíssima, que é uma das mais bellas de Lisboa. Havia ali outra obra magnifica, facil e barata, porque se trata apenas da expropriação de jardins a emprender: era o prolongamento da alameda de S. Pedro d'Alcantara costeando a rua do Moinho de Vento, e terminando em qualquer ponto, que se julgasse conveniente, na Cotovia, no jardim da Polytechnica, ou em qualquer outro sitio, que estudado offerecesse maiores vantagens.

Essa alameda, dominando a parte central e oriental da cidade, seria com certeza um dos sitios mais encantadores de Lisboa, uma das obras que mais aformosearia esta bella cidade, até hoje tão pouco aproveitada em tudo que tem de pittoresco.

— Ha muito que temos nos nossos apontamentos uma nota que de dia para dia deixavamos de parte porque, é tão ridicula e vergonhosa para o nosso paiz e para a nossa civilização, que esperavamos que um momento de brio e de pundonor das camaras municipais viesse riscar a da nossa carteira.

Não aconteceu, porém, assim: o escandalo indigno vai crescendo, e de todas as partes se erguem justos clamores.

Muitas camaras municipais de Portugal recusam-se a pagar aos professores de instrucção primaria os seus salarios.

E inverosimil isto no anno de 1883, n'um paiz em que os habitantes não usam tanga, não pintam a pelle e não trazem pennas na cabeça, é inverosimil, mas é verdadeiro.

Ha por esse reino acima professor de instrucção primaria que ha desoitto mezes não recebe um real do seu ordenado.

Ora, e sabido de todos, quanto vem a ser esse ordenado, e é ignorado de muitos como é que com elle se pôde deixar de morrer de fome.

Pois, apesar d'isso, nem esse mesmo ordenado se lhes paga, a esses desgraçados a quem o paiz confia a mais augusta, difficil e essencial missão da civilização moderna — ensinar a lêr.

E ha camaras municipais que se não envergonham de tirar a esses pobres mestres, o parco pão que nos seus orçamentos lhes é votado.

E querem o progresso, e querem a civilização, e querem a liberdade, e querem todas as regalias dos seus direitos, essas corporações que não sabem cumprir o primeiro dos seus deveres!

E fazem um grande estendal de melhoramentos materiaes algumas d'essas camaras, e alargam as suas ruas, e aformoseam as suas praças e fazem jardins, e julgam que tem bem merecido da patria, que tem feito o seu dever, illuminando os seus conselhos a gaz! Illuminam os seus municipios e deixam ás escuras o espirito dos seus municipios: abrem os gazometros e fecham a carta do A, B, C!

Além de vergonhoso, isto é profundamente desconsolador, porque é um symptoma terrivel do estado de atrasamento do nosso paiz, da falsa comprehensão que ainda ha por esse reino acima, do progresso e da civilização, porque é um resultado triste da maneira errada como entre nós se implantam os progressos materiaes, que se recebem como uma moda, em vez de se imporem como a resultante fatal e logica dos progressos intellectuaes e sociaes.

Gervasio Lobato.

FESTAS LIBERAES NO PORTO

Commemorou-se este anno no Porto com as expansões jubilosas de quem bem sabe apreciar as garantias conquistadas pelo esforço dedicado do seu valoroso civismo, o anniversario illustre de uma das datas memoraveis nos annos da vida politica da cidade invicta.

Não é facil apagar das paginas enegrecidas dos seus muros os periodos sanguinolentos de uma lucta disputada, nem cicatrizar com o bal-

samo do olvido, as feridas abertas em cada pedra das suas trincheiras, pelo ferro temperado de uma legião, que nos proximos da queda inevitavel se debatia em arrancos de desespero pela manutenção de uma causa que não podia de modo algum sobreviver ás aspirações sacrosantas de uma ideia redemptora.

Mas o porto que sabe os sacrificios que lhe custou a conquista de uma causa justa, que chora ainda a perda de muitos dos seus filhos immolados heroicamente nas aras graniticas dos seus reductos invenciveis, não pôde deixar de memorar em cada anno a data que lhe abriu um periodo novo de felicidade e de desafogo, lavrando também por esse modo um como protesto inergico contra os que na sombra em que se occultam os ignavos, sonham e suspiram ainda pelo retrocesso d'essas epochas odiosas de embrutecimento moral e de despotismo politico.

Foi assim que as manifestações liberaes do dia 9 de julho, tiveram este anno uma acentuação mais significativa, congregando-se em um presito numeroso e luzido todas as classes da sociedade, todos os representantes da sciencia e do trabalho, para irem depôr junto da urna que encerra o coração magnanimo do valente general que escolheu esta cidade para campo das suas victorias, uma corôa de saudade indelevel e de reconhecimento sincero.

De todas as solemnidades que a Associação Liberal promoveu, foi essa a mais imponente, a mais impressiva, e a multidão, que ao prepassar dos decrepitos veteranos que haviam sellado com o seu sangue o codigo fundamental da constituição portugueza, os cobria de applausos e de flores, accorreu depois á praça de D. Pedro a saudar com os testemunhos do seu affecto e respeito, o descendente illustre do esforçado impetador, o rei D. Luiz, que como prova de estima por esta cidade e de amor ás instituições liberaes que lhe legara seu inelyto avô, viera associar-se ás alegrias patrióticas da população portuense.

O OCCIDENTE reproduz hoje nas suas paginas um grupo dos poucos valentes que ainda restam d'esse exercito que se assignalou por feitos de destemida heroicidade, reliquias venerandas de uma pleiade de heroes, para muitos dos quaes a patria tem sido bem injusta, deixando-os no declinar de uma vida miseranda, implorar da caridade publica o amparo que a nação não devia recusar-lhes pelos serviços assignalados que lhe prestou.

N'esse grupo vêem-se aos lados dois soldados do bravo batalhão de caçadores 5 com o seu fardamento, compondo-se o resto dos valorosos voluntarios da rainha, dos intrepidos marceantes que sob densos chuveiros de balas faziam pelo rio o abastecimento da cidade sitiada, dos representantes, enfim, de muitas das serradas fileiras que na lucta aguerrida travada dentro e fóra dos baluartes d'esta cidade se houveram com o denodo e brio dignos do principio justissimo que defendiam.

(Porto — Julho.)

Mamel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL D. MAXIMO SANTOS

Novo presidente da republica do Uruguay

O valente general que está hoje á frente do governo da florescente republica do Uruguay é uma das mais notaveis glorias militares e politicas do seu paiz.

Muito novo ainda, a sua vida publica accentuou-se já brilhantemente em duas carreiras distinctas — a de guerreiro e a de estadista.

Aos 17 annos D. Maximo Santos deixou a escola pelo campo de Batalha, e o general Gregorio Suares nomeou-o seu ajudante de campo.

Depois, tendo assegurado em 1870 como chefe da segurança em Casselones a tranquillidade das populações confiadas á sua guarda, foi chamado a dominar a revolta do coronel Aparicio contra o governo constitucional do general Batete.

D. Maximo, então simples capitão, formou uma companhia, primeiro nucleo do celebre batalhão Sosa, que depois de ter recebido em Leverino o seu baptismo de fogo, tomou parte na batalha de Carasayalle, em que elle se distinguiu, como chefe, pela disciplina e coragem.

Mais tarde em Mananteales, os soldados da companhia de Santos obraram maravilhas, e o valente capitão foi elevado a major, e nomeado commandante da companhia de Maldonado, que conservou até ao seu licenciamento.

Em 1875 Santos estava chefe de policia em

Minas, e todo entregue á vida administrativa quando rebentou a revolução pacifica que deitou por terra a presidencia Ellauri.

Santos foi então encarregado de formar o 5.º batalhão de caçadores e creou um batalhão que rivalisava com os melhores da Europa.

A esphera d'acção do valente militar começava a ampliar-se.

O governo de Pedro Varela exilára para Havana muitos cidadãos notaveis.

Esta proscripção, junta á impopularidade do poder existente, originou a revolução chamada *tricolor*, porque era filha da alliança dos vermelhos e dos brancos. A situação do governo era extremamente critica. Um chefe dos brancos, Aparicio, juntara-se ao governo, era verdade, mas nenhum dos chefes dos colorados — partido do governo, queria servir ás ordens d'um general, contra quem tinham combatido.

Maximo Santos, comprehendeu que se Aparicio se afastasse, o governo de Varela estava perdido, e teve a coragem e o patriotismo, de sacrificar as suas repugnancias ao bem da patria e offereceu-se para servir ás ordens do general Aparicio contra os conservadores.

E foi, e venceu os conservadores, e cobriu-se de gloria nos campos de batalha.

Quando Varela cahiu e veio a dictadura, Santos ficou sendo o homem de confiança do governo e foi encarregado de percorrer os departamentos pacificando-os. Entretanto o presidente Latorre, farto de regimens constitucionaes e ambicioso do poder pessoal, deu a sua demissão da presidencia, esperando que o povo e os notaveis de Montevideu o reintegrassem na dictadura e o proclamassem seu salvador.

Santos chegou n'esse momento das provincias; d'elle dependia a sorte da patria, e pondo-se ao lado de Latorre, dar-lhe-hia a dictadura; mas acima de tudo Santos ouviu o seu dever de cidadão, repleu a cumplicidade d'esses planos machiavellicos e fez com que o vice presidente da republica tomasse as redeas do governo durante o interregno.

— Tem por si, disse-lhe elle, o exercito e a lei. Sentindo-se perdido Latorre desapareceu de Montevideu e Maximo Santos foi elevado a ministro da guerra, chefe do exercito e politicamente a arbitro da paz publica. Se quizesse podia ter-se feito dictador, não quiz, quiz ser apenas um servidor do Estado.

Isto como militar. Como politico os seus titulos são de data mais recente, mas leem-se todos os dias nos progressos praticos do seu paiz. Os melhoramentos introduzidos na legislação civil, penal e administrativa, o desenvolvimento da educação popular, a organização das escolas normaes e do ensino superior, os caminhos de ferro, a organização perfeita dos correios e dos telegraphos, taes são em resumo os grandes serviços que o Uruguay deve a esse homem illustre, de alta energia e de alta intelligencia, que está á frente da presidencia da sua Republica.

R.

MARIANNO DE SOUZA FEYO

Marianno de Sousa Feyo foi um distincto ornamento do professorado portuguez, que em breve exaurio a vida repartindo prodigamente a sua vasta erudição, os thesouros da sua sabedoria.

Nasceu em Lisboa a 24 de novembro de 1845, no seio de uma familia illustre, e seu pae o distincto medico Feyo vive em Africa, para onde foi ha annos e onde tem feito grande fortuna.

Os paes de Marianno Feyo destinavam-no á vida ecclesiastica, e cursou o seminario de Santarem com a mesma distincção com que já tinha cursado outras aulas, onde os seus condiscipulos e mestres o victoriararam pelo seu talento.

Aos 19 annos de idade já leccionava, e de tal modo se applicou ao magisterio que chegou a levantar 200800 réis por mez de lições particulares, o que prova — sobre tudo em o nosso paiz — a grande actividade d'aquelle espirito e os vastos conhecimentos que o habilitavam a ensinar varias disciplinas.

Por portaria de 18 de feveiro de 1875 foi nomeado lente da 2.ª cadeira auxiliar — estetica e historia d'arte — da Academia de Bellas Artes de Lisboa, logar que occupou até á sua morte, e de que se desempenhou com distincção.

Collaborou em diferentes publicações litterarias e scientíficas, e em 1879 traduziu e ampliou o livro *A Chave da Sciencia*, trabalho que fez durante a convalescença de uma doença grave.

Na Sociedade de Geographia de Lisboa, e em outras, deu preleções publicas, onde era sempre escutado com aproveitamento, pela maneira in-

sinoante e clara com que communicava a sua grande copia de saber.

A maçonaria deveu-lhe grandes serviços, e consta que entre elle e um alto personagem estrangeiro, se trocou acalorada correspondencia, sobre a admissão dos israelitas no templo, consecução á qual Marianno era contrario. A sua opinião prevaleceu.

De uma imaginação exaltada e de um coração generoso, apaixonava-se facilmente por todas as ideias nobres e grandiosas.

Foi assim que elle, em 1881, se alistou na corporação dos bombeiros voluntarios, apesar do seu phisico fraco para os grandes esforços que muitas vezes demandam as arriscadas situações em que os bombeiros se encontram.

Entretanto Marianno Feyo, prestou relevantes serviços, quer acompanhando os seus collegas nos perigos dos sinistros, quer na organização interna d'aquella briosa corporação.

O grande fogo da Outra Banda em Março d'este anno foi para Marianno o epilogo da sua vida de bombeiro. Partiu para lá levado pelo impulso do seu generoso coração, d'aquelle coração que já estava dilacerado e que trez mezes depois devia deixar de palpar, apagando com o esforço da sua ultima pulsão, aquella alma que tinha illuminado tantos espiritos e sentido tantas dedicações.

A 18 de junho ultimo, Marianno de Sousa Feyo deixou de existir. No seu testamento determinou um legado que estabelece um premio de 158000 annuaes ao discipulo que mais se distinguir no curso da cadeira que leccionava, devendo este premio principiar a vigorar no proximo anno de 1884 e terminar em 1888.

Esta lembrança de Feyo rateada entre os seus poucos haveres, é bastante honrosa para a sua memoria, a qual não se apagará facilmente entre os numerosos amigos que hoje o pranteam.

PONTE SUSPENSÃO DE BROOKLYN

A 24 de maio do corrente anno foi inaugurada solememente esta ponte suspensa, a mais notavel que tem sido construída, presidindo ao acto o presidente da republica dos Estados-Unidos, acompanhado dos ministros e das municipalidades respectivas.

Nova-York está separada de Brooklyn, que dois celebres desastres ainda não ha muito tornaram tão falada, por um dos braços do Hudson, de cerca de um kilometro de largo.

Em 1746, Nova-York era apenas uma villa e Brooklyn uma aldeola, e a communicação fazia-se por barcos de vella e remos, substituídos depois por grandes vapores, ou grandes barcas de passagem, que transportavam animaes, carruagens, carros de serviço, etc.

Em 1853, tendo uma d'estas grandes barcas sido arrastada pelo degelo, e com grande custo, trazida para a margem, houve um engenheiro João Roebing que teve a idéa de substituir por uma ponte gigantesca, estes aventureiros meios de passagem.

Communicado o projecto a um cidadão, influente de Brooklyn Guilherme Kingsley, este concordando com Roebing, segundo o costume americano organisou logo uma companhia, com o capital de sete milhões de dollars, proxima-mente 6300 contos de réis. Pouco depois sendo reconhecido o projecto como da maior conveniencia publica, foi elle executado por conta do Estado, e das municipalidades das duas cidades interessadas.

Cinco annos era o tempo calculado pelo engenheiro Roebing, para a sua construcção, mas foram necessarios dezeseis, o que deve servir de aviso aquelles que tão promptos são em accusar os nossos e glorificar os estranhos.

O mais notavel é que o auctor não chegou a ver concluída a sua obra, porque tendo-se ferido em um pé, durante uma visita aos trabalhos, declarou-se-lhe a gangrena rapidamente e falleceu em 1869. Foi substituído por seu filho Washington Roebing; Mas este tendo descido em 1872 em um caixão de fundação, cheio de ar comprimido, ahí contrahiu um padecimento, que o tornou paralitico em pouco tempo. Apesar disso, não podendo descer nos trabalhos, dirigiu-os da sua janella, donde os observava com um poderoso occulo de alcance, e auxiliado por sua joven esposa que não hesitava em descer ás diversas estancias, e vigiar pela execução das ordens de seu marido.

A ponte compõe-se de trez partes principaes, os pegões, o taboleiro central e as avenidas; e corresponde pela sua construcção ás exigencias do poderoso movimento entre as duas cidades, sem cauzar embargo algum á activissima navegação do rio.

Os pegões estão fundados no leito do rio por meio de uma especie de beton lançado em grandes caixões, todo ligado por cimento hyraulico, formando cada pegão, como que um monolitho inabalavel. Sobre cada um se levanta uma torre até 92 metros de altura, perfurada por dois grandes arcos de 10 a 11 metros de abertura. A do lado de Brooklyn foi acabada em 1875, a do de Nova-York em 1876.

Quatro são os cabos de suspensão, formado cada um por um feixe de cinco mil fios de aço, apertados por uma espira continua, feita de um fio mais grosso. O primeiro fio foi estabelecido a 11 de junho de 1877, servindo de guia aos outros.

Os cabos passando por enormes moitões collocados no alto das torres; dividem-se em leque para virem prender-se em ancoras encerradas em macissos de alvenaria, enterrados no solo, de 45 metros de largo, por 40 de comprido e 30 de espessura.

Cabos auxiliares, tambem de aço, mas menos espessos, apoiando-se no alto das torres, vem aliviar o esforço dos primeiros, e reforçar a estabilidade do systema.

O taboleiro, que os cabos sustentam por meio de triangulos verticaes, é constituído de travessas de ferro forjado, formando grade; só por si, constitue um todo rigido e muito solido.

Divide-se em cinco vias; as duas exteriores, reservadas ás viaturas e cavalleiros, as duas immediatas para as linhas de ida e vinda do caminho de ferro entre as duas cidades, e a central, ou de passeio, reservado para os peões. É mais elevada que as outras dominando o grandioso panorama de Nova-York e seu porto, de Brooklyn, e o seu ancoradouro; tem cinco metros de largo. De noite é a ponte illuminada por candeciros de luz electrica.

O taboleiro prolonga-se alem dos pegões sobre as duas margens para se ligar ás rampas dos viaductos que de cada cidade dão accesso por uma doce subida á ponte propriamente dita.

Estas rampas ou avenidas são de 330 metros do lado de Brooklyn e de 520 do de Nova-York, e são construídas de magnifica cantaria e tijolo.

Além da altura dos pegões e torres, 92 metros, a extensão do taboleiro é de 530 metros entre elles, prolongando-se 815 metros para cada lado, o que faz o total de 1:160 metros, que com as duas rampas chega a 1:995 metros.

O arco central é de 46 metros acima do nivel do rio.

Os primeiros calculos do custo da obra eram de 6:300 contos, como dissemos; mas a verdade é que attingiu mais do dobro, isto é, a enorme somma de 13:600 contos! o que tambem não deve esquecer quando se julgam os nossos engenheiros.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO DE LOANDA

O observatorio meteorologico de Loanda está estabelecido na torre da Sé velha, que foi convenientemente accommodada para esse fim, por iniciativa do fallecido governador d'aquella possessão Antonio Eleuterio Dantas.

Este estabelecimento scientifico dirigido, pelo sr. Guilherme Gomes Coelho, tenente de marinha, coadjuvado pelo observador auxiliar o sr. Francisco dos Santos Moreira, está organizado de modo a satisfazer cabalmente o seu fim.

Possue instrumentos de precisão dos mais aperfeiçoados, taes como: barometros do systema de Kew; psychrometro de Augusto da construcção de Negretti e Zambra; thermometro de irradiação solar do systema de Phillips dos mesmos constructores do psychrometro; thermometros da irradiação nocturna e das temperaturas extremas da relva; anemographo, invenção de Brito Capello, construído por Casella, o catavento é do dr. Piarrí Smith, determinando o registo de velocidades a ventoinha de Robinson.

Anemometro de Robinson modificado por Casella; udometros de Babinet; evaporometro; ozonometro de James (de Sedan) descripto e adoptado por Berigny.

Os magnetometros são o declinometro para observação da declinação magnetica, o unifilar para determinação da componente orisontal da força magnetica terrestre e o inclinometro para observar a inclinação.

Estes instrumentos estão assentes sobre columnas de alvenaria, em uma casa isolada de madeira, na construcção da qual se não admittio ferro.

Todos os instrumentos d'este observatorio estão aferidos pelos padroes do observatorio do Infante D. Luiz, na Escola Polytechnica de Lisboa. As observações meteorologicas são feitas todos

os dias ás 9 horas da manhã, meio dia, 1 hora (simultaneas internacionaes ás 7.^h.⁰⁰ Washington) 3 horas da tarde e 9 da noite.

Por esta discipção que extractamos do primeiro volume de *Observações Meteorologicas e Magneticas* d'este observatorio, relativas aos annos de 1879 a 1881, publicado pelo sr. Gomes Coelho, se vê qual a sua importancia e os serviços que pôde prestar á sciencia.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

5.^a carta

(Concluída do n.^o 164)

O sr. Couto de Magalhães terá um dia de deixar o seu predilecto Fiéte, para servir a patria n'uma esphera mais elevada.

Effectivamente ando infeliz com as concepções do meu espirito, porque ainda não pude amoldar-o a convencer-se que não está em Portugal. Pois, se tudo no Brazil é igual ao que lá temos. Religião, leis, monarchia constitucional, familia imperial bragantina; a cruz da ordem de Christo e a esphera armilar de D. Manoel no escudo de suas armas; o cavalheirismo, costumes, linguagem, historia, tradições, caracteres ethnographicos; a franqueza e hospitalidade portugueza, vestuarios, habitações, cosinha; até as canções populares: a *Marianita* e a *Caninha-verde*, o *Frade capucho* e o *Balato*; o *nao se dá portuguez* com o seu *cochilar* na rede.

Quando tiver tempo hei-de dizer-lhe o modo como o sr. dr. Antonio da Silva Prado organisou aqui a sua coudelaria, e quaes os resultados que, s. ex.^a tem obtido, pelo systema de meia estabulação, possuindo já magnificos cavallos de corrida e de sella, por meio do cruzamento das eguas do paiz com cavallos *puro sangue* inglez.

O sr. Silva Prado, verdadeiro portuguez de lei, vive um pouco afastado do centro da cidade, onde tem um excellente palacio, e como puritano inglez.

N'este bom *seculo da duvida*, em que é moda alardear irreligiosidade e falta de respeito por tudo que é nobre e digno de elevada consideração; n'este tempo em que a mocidade desenvolta se envergonha de pronunciar a palavra *Pae*, e o doce nome de *Mãe*, quando se refere a seus progenitores, substituindo-os pelos nomes de *velhos*; dizendo sempre: *o meu velho*, em vez de: *o meu pae*; e a *minha velha*, em lugar de: *minha mãe*; faz gosto ver, pela raridade, praticar um acto de boa educação. E o caso:

Estando eu no escriptorio da redacção do *Correio Paulistano*, do sr. dr. Antonio da Silva Prado, em companhia d'este senhor e de quinze individuos, fazendeiros e influentes politicos conservadores, dos quaes o sr. Silva Prado é o chefe n'esta provincia, conversando sobre a crise actual do café, entrou o sr. dr. Martinho da Silva Prado, pae; e cumprimentando com delicada familiaridade, foi sentar-se. Em seguida, os sr. dr. Caio, seu irmão Antonio e um filho d'este, que estava presente, levantaram-se e foram respectivamente beijar a mão de seu venerando pae e avô, tornando a cobrir-se e a sentar-se. Este acto foi praticado com tanta singeleza e naturalidade de parte a parte, que demonstrou ser usual e filho d'uma solida educação de familia. Bem hajam suas ex.^{as}.

Em Ytú, andando eu a visitar a cidade em companhia do rapazinho Luiz, de 9 annos de idade, que me servia de *cicerone*, filho do meu amigo da infancia, Antonio de Souza Gomes Carneiro e da sr.^a D. Rita Carolina d'Azevedo, quando me viu desenhando o collegio dos Jesuitas, que tem umas falsas janellas entrecalares no pavimento superior, e um pouco deteriorado o frontispicio da velha igreja de madeira; pediu-me, com certo interesse, que não desenhasse as falsas janellas como taes, e que no desenho da igreja, a figurasse mais bonita, para que no estrangeiro não fizesse má figura, porque, dizia elle: *Para vergonha bem basta o desleixo que por ahí vae em muitas ruas da cidade*. Eis aqui um verdadeiro patriota.

Remetto o desenho da casa do sr. Couto de Magalhães; o da cidade de S. Paulo, por ser muito extenso e não ter tempo para o copiar da minha carteira de viagem, irá para outra vez, e com elle o das cidades de Campinas, Ytú, Piracicaba, e S. João de Capirary.

Sempre seu do

coração.

A. Lopes Mendes.



AS FESTAS DA LIBERDADE, NO PORTO. — VETERANOS DA LIBERDADE QUE TOMARÃO PARTE NO FRESTITO, NO DIA 9 DE JULHO DE 1883 (segundo uma photographia)

A COROAÇÃO DO CZAR

(Concluído do n.º 164)

Ao acto da coroação seguiu-se a *sagração*. Consiste esta principalmente em praticas religiosas.

Em primeiro lugar os imperadores beijaram os Evangelhos, que lhe foram apresentados por um dos tres metropolitanos. A missa tinha começado. O imperador e a imperatriz, acompanhados a distancia pelo cortejo, atravessam por cima de um tapete de velludo, estendido desde os degraus do throno até á porta santa do iconostato que se acha aberto, e onde param.

O metropolitano unge então o imperador, impondo-lhe com um ramo de ouro o oleo santo na testa, nas palpebras e nas mãos. A imperatriz o santo *chrisma* é applicado só na testa.

O czar entra então no santuario, ficando a imperatriz á porta, por não ser permitido ás pessoas do sexo feminino penetrarem n'elle.

O imperador é introduzido no santuario pelo metropolitano, segurando outros prelados o manto imperial.

Deante do altar communga o imperador, este unico dia, nas duas especies, como os sacerdotes; symbolisa esta cerimonia que a graça divina desce sobre o czar, que assume então todo o poder temporal e espirital, como soberano da nação, e chefe supremo do sacerdocio.

A imperatriz communga tambem á porta santa na especie ordinaria.

Finda a communhão os soberanos voltam então ao throno, onde se assentam; é entoado de novo o *Domine salvum*. O czar reveste de novo todas as insignias imperiaes, tendo na mão direita o sceptro e na esquerda o globo; acaba a missa e recebem os soberanos as felicitações de todos os individuos presentes, que fazem ante elles tres profundas reverencias.

Então tornou a formar-se o cortejo, e debaixo



MARIANNO DE SOUSA FEYO

PROFESSOR NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES DE LISBOA—Fallecido em 18 de junho de 1883

(Segundo uma photographia de Rocha)

Quando os imperadores sahiram da igreja da Assumpção o entusiasmo da enorme multidão, que até ali estivera dominada da mais profunda e receiosa anciedade, foi indescriptivel.

Na antiga sala do throno, a *Granovitaia palata* entraram os imperadores acompanhados pelo alto clero, grandes dignitarios, camaristas, copeiros, etc. As paredes achavam-se forradas de velludo de alto a baixo, um antigo fogão forrado de azulejo e muito ornamentado sobe até ao tecto.

A mesa, imperial estava collocada proxima ao fundo da sala, sobre um estrado alto atapetado, sobremontado por um docel de tela de prata. Em torno da sala estavam dispostas outras mesas para o clero e altos personagens. A uma hora entraram os imperadores na sala e receberam os cumprimentos do corpo diplomatico, que almoçara em uma sala proxima.

Por detraz do throno collocam-se os grandes dignitarios, em face o trinchante-mór, á direita e esquerda os copeiros. Um pouco atraz do intervallo das duas cadeiras imperiaes está em pé, de espada na mão e capacete na cabeça, o commandante dos gentis-homens, guardas da czarina: sobre os degraus do throno generaes e ajudantes de campo generaes; ao sopé do throno, e de cada lado quatro officiaes das guardas tambem de espada desembainhada e casco na cabeça, e um arauto de armas de cada lado; em frente dos soberanos o archi-grande marechal da corte, e por detraz d'elles os mestres de ceremonias e os porta insignias.

A qualquer mortal, que não tem o prazer de ser czar, bastava metade, ou um decimo d'esta comitiva para lhe saber a melhor iguaria a rosalar.

O clero e os mais convidados estavam de pé, juntos das mesas que lhe eram destinadas.

A uma ordem do imperador o ministro da fa-

do pallio deixam os imperadores a igreja da Assumpção, indo visitar as de S. Miguel e da Anunciação onde vão venerar as imagens, voltando finalmente ao antigo palacio pela escada vermelha, para assistirem á collação da sagração.



PONTE SUSPENSA DE BROOKLYN — Inaugurada a 24 de maio de 1883

zenda apresenta á imperatriz as medalhas cunhadas para commemoração da solemnidade; os empregados do ministério distribuem-nas aos convidados, membros da familia imperial, assim como aos príncipes estrangeiros, para os quaes se dispozeram as mezas em outra parte do palacio.

Então começa o jantar dos soberanos.

Por indicação do imperador o grão-marechal e os grãos mestres de ceremonias sahem da sala para irem buscar a comida. Então voltam e proximo do throno um dos marechaes, ladeado dos mestres de ceremonias, entrega o prato ao grão-marechal que o apresenta aos imperadores, caminhando a passo grave, fazendo uma reverencia de dois em dois passos.

Tomadas as primeiras colheres de sopa, o copeiro-mór apresenta um copo de champagne ao imperador; n'este acto o clero e os convivas fazem uma profunda reverencia aos soberanos, o czar bebe, e todos os convidados se assentam então e começam a jantar; os membros do corpo diplomatico e as pessoas que não tomam parte no banquete sahem e retiram-se.

Cada prato é levado aos soberanos pelos mesmos altos funcionarios, sempre acompanhados de guardas de espadas desembainhadas.

Termina o banquete levantando-se muitos brindes ao imperador, á imperatriz, á familia imperial, ao clero, aos subditos fiéis.

Findo o banquete o imperador desce do throno, recinga a coroa, e de sceptro na mão, retira-se aos seus aposentos com a imperatriz.

Ha quem diga que ao entrar no quarto o imperador atirando com o sceptro e coroa para um sophra exclamara: safa que estopada! e a imperatriz estendendo-se em uma poltrona: d'esta estamos nós livres! Tinham razão.

Deixando bailes e banquetes que com mais ou menos secca são a mesma coisa em toda a parte, terminamos dizendo quatro palavras das festas populares, não menos curiosas pela sua originalidade, que as officiaes pelo seu fausto e ceremonias.

Pena é serem tão escassos os elementos que encontrámos.

E a 2 de junho ás portas de Moscow, na planície, onde se acha o parque de Petrowski. Mais de cem hectares de terreno estão occupados, de um lado por quatro immensos theatros, no meio dos quaes se eleva um vasto circo semi-circular, os quaes todos faziam frente a um elegante pavilhão branco, decorado de ouro e de veludo granada, destinado ao imperador e membros da sua familia.

Aos dois lados estendem-se vastas tribunas para os convidados.

De cada lado havia pequenos pavilhões ou barracas, separados por postigos, onde cada pessoa que entrava no recinto da festa recebia um copo, um pastel, um bollo, e um pacote com goloseimas.

La d'alli ao sitio onde havia uma extensa fileira de wagons construídos pelo modelo americano dos wagons de petroleo, mas que estavam cheios de cerveja, onde lhe enchiam os copos.

Multidão immensa se agitava pelo vasto recinto, sem que houvesse a minima desordem.

O fecho d'este dia de festejos foi a grande cavalgada organizada pelos circos e symbolizando a era nova, a primavera que avança cheia de esperanças com o seu cortejo allegorico de cigarras, rãs, abelhas, formigas, besouros etc; o trabalho e o prazer, a abundancia e o bem estar, sob a egide da lei, cujo gladio saberá combater e domar, se tanto for preciso, a hydra da anarchia, como diz um escriptor francez.

Esta cavalgada grotesca, em que homens e bellas raparigas iam mascarados figurando aquelles animaes, e que se vê no nosso numero 164, desfilou deante do pavilhão onde os imperadores se achavam com os membros da familia imperial, e príncipes estrangeiros. O cortejo imperial conservou-se gosando este espectáculo desde as 2 ás 3 horas da tarde.

O povo riu a bom rir, continuando a beber cerveja, a comer bollos e a acclamar os soberanos.

As illuminações, apesar da chuva, foram esplendidas, apparecendo os corucheos, e cupulas illuminaadas a luz electrica.

Parece que se gastaram em todas as festas quinze milhões de rublos, cerca de 8:100 contos de reis, sendo grande parte distribuídos em comidas e bodos ao povo russo, que é amigo dos seus soberanos, o que demonstram o enthusiasmo e regosijo que o animou, por as festividades terem corrido, sem incidente desagradavel, como receavam.

R. M.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

II

(Continuado do numero antecedente)

Os nossos quartos eram grandes, espaçosos e alegres, alégria que nos custava os taes 95 de-graus.

Lavámo-nos accomodámos as nossas malas, mudámos de fato, cavaqueámos um pedaço com Furtado Coelho, que fora para nós pae do Sebastião, por não saber da nossa chegada, e toca a vêr Madrid.

O dia estava esplendido, um bello domingo de verão, tepido, alegre, jovial.

O Valle, por quem toda a gente em Madrid era doida, esperava-nos á porta. Deixára de ir ao grande divertimento dos domingos hespanhoses, á tourada, para nos servir de Cicerone.

Sahimos todos em ranchada, eu, minha mulher, a minha pequena Sarah, muito admirada e embaçada de não perceber uma palavra do que lhe diziam as criadas e os criados, que lhe faziam uma grande recepção de beijos e de festas, o meu cunhado Jorge, embatucado ainda com a sensação estranha da sua primeira viagem, o Albino Pimentel, o Moura Cabral, o Petit Bonhomme, e Schwalbach, já descansado um pouco dos sustos que apanhara nos tuneis e nas pontes, e fazendo monopolio de todo o successo de estrangeiros, com a sua farda de alferes de cavallaria, que dava nas vistas de toda a gente, e que fez n'esse dia profunda sensação em Madrid.

Em dois passos chegámos ás *Puertas del Sol* tão falladas.

A primeira decepção!

As *Puertas del Sol*, que nós ha tanto tempo viamos cá de longe, através as descripções de romances, e as narrações de viagem, como uma enorme praça formosissima, de dimensões extraordinarias, é uma praçasinha irregular, que faz lembrar um pouco o Caes do Sodré, tendo, em vez do Tejo, o palacio da gubernacion, que é muito menos pittoresco e fresco, e onde, em vez de navegarem as milhares de embarcações que povoam o nosso bello rio, navega apenas a legendaria *nau do Estado*.

As *Puertas del Sol* cabem perfeitamente em metade do nosso Rocio: mas, se as suas dimensões acanhadas e vulgares foram uma decepção para nós, o seu movimento agitado é um espectáculo inteiramente novo e surpreendente para quem está acostumado á melancolia triste da animação de Lisboa.

Demais a mais apanhamos logo as *Puertas del Sol* á tarde, que é a hora da sua enorme enchente, e n'um domingo, de vespera de grandes festas, quando Madrid tinha alem da sua população colossal, para a pequenez da terra, uma immensidade de forasteiros de toda a Hespanha, e cerca de uns dois mil portuguezes a mais.

Era estonteadora a multidão que se acotovelava n'essa praça.

E depois o ruído, a alegria, a vozearia de toda essa gente hespanhola, que quando passeia, falla, conversa, ri, diverte-se, e não se parece nada inteiramente com as multidões portuguezas, que quando se recream são sorumbaticas e silenciosas, o que dá a todas as nossas aglomerações de gente um aspecto lugubre d'enterro á mão.

E essa multidão não estacionava nas *Puertas del Sol*, passava apenas, mas passava sempre, e alastrava-se compacta pela extensa e larguissima *calle d'Alcalá*, uma rua que não temos nenhuma em Portugal que nem de longe se lhe possa comparar, e ia encher o grande passeio do Prado.

O Prado é colossal em comprimento e em largura; é uma extensissima avenida arborizada e ajardinada, que acompanha quasi toda a cidade, e que é o passeio obrigado e favorito de todos os madrilenos pobres e ricos.

Ali vai parar todas as tardes, Madrid inteiro, quer venha dos touros, das corridas, ou do *Buen Retiro* que é especialmente, e apenas durante duas horas todos os dias, o passeio elegante da alta sociedade hespanhola.

Entre a Fonte de Cybele e de Neptuno, desde a porta *d'Alcalá* até a *carrera San Jeronymo* é que é o recinto *chic* do Prado, aquelle a que chamam o *salão*.

E ahí que se agglomera ao cair da tarde toda a primeira sociedade de Madrid, é ahí que se conversa, que se discute, que se ri, que se vê toda a alta *fashion* madrilenha.

É extraordinario o numero de caras bonitas que n'esse nosso primeiro domingo de Madrid vimos no Prado, e tanto que, depois de nos acostumarmos áquella abundancia de rostos formosos, apontavamos uns aos outros, as caras feias,

os monstros, com a frequencia rara com que no passeio do Rocio se apontam as formosuras.

D'essas caras bonitas nem todas eram artisticamente irreprehensíveis, mas todas tinham um tic especial de belleza que as tornava deliciosas.

E depois a madrilenha o que é, é d'uma elegancia escultural de corpo. Ha algumas que não são bonitas, é difficil encontrar que não sejam interessantes, rarissimo, que não sejam elegantissimas.

Os typos rachiticos, espalmados, e verdes da nossa menina da baixa são perfeitamente desconhecidos em Hespanha.

Só esse alivio nos tornaria encantador Madrid!

A madrilenha já ha muito tempo, e ainda mal, que abandonou o seu tradicional costume pittoresco.

Do traje nacional apenas conserva a mantilha e o leque, e quando alguma hespanhola levada pela moda parisiense apresenta um chapéo no Prado ou no *Buen Retiro*, o pobre chapéo á franceza por mais elegante que seja faz um papel tristissimo ao pé da deliciosa mantilha preta ou branca, que é a unica moldura perfeita para os rostos encantadores das mulheres de Hespanha.

Já o notámos uma vez, n'estes pequenos artigos escriptos a correr, a grande elegancia da hespanhola é o penteado.

O penteado e o leque.

Vi muitas mulheres ordinarias, mal vestidas, pobremente arranjadas, mas não vi uma que não tivesse um penteado de duqueza, e um leque com toureiros.

Quando em Lisboa, nos passeios e nos theatros, viamos hespanholas todas caídas, d'olhos feitos a carvão, imaginavamos que isso era um tic do toucador de *coquette*, uma especialidade do *Boudoir de Venus*. Em Madrid reconhecemos admirados que isso é um uso femenino tradicional.

As hespanholas todas se pintam: parecem-se n'isso com os nossos generaes; salvo as excepções n'elles e n'ellas, que por ventura haja e a quem felicitamos. E essa pintura nas hespanholas é tanto mais para lamentar, que é perfeitamente desnecessaria para a sua belleza, e muitas vezes além de desnecessaria prejudicial.

A tarde ia caindo. No Prado começaram a passar as carruagens de varios feitios desde as mais elegantes e ricas equipagens fidalgas, até ás mais reles e immundas typoiias de praça que vinham dos touros Madrid ia-se encaminhando para a meza do jantar.

O respeito de estrangeiros pelos usos do paiz, e de viajantes pelo nosso estomago duramente experimentado nos ultimos buffetes do caminho de ferro, obrigou-nos a deixar o Prado; subimos a *Carrera de S. Jeronymo*, onde os cafés começavam já a illuminar-se e a encher-se de gente, e fomos-nos chegando até ao Hotel dos Embaixadores.

Eram 7 horas, e a campainha chamava para a mesa.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XLII

(Continuado do numero 164)

Entremos na sala K, que é uma das que encerra maior numero de objectos e de especies mais variadas.

É impossivel descrever tudo quanto se contém nas suas vitrines, nas suas paredes, etc.

São camas, cadeiras, contadores; armas offensivas e defensivas, brancas e de fogo; são louças, instrumentos e objectos de enfeite e ornato sem conto.

Seguiremos o processo de Lafontaine e tomaremos apenas a flôr do assumpto.

Vejamos o n.º 37 que é uma cruz de agatha tendo a fórma das cruces de S. Thomé. Tem filetes escavados. Na base sobre que assenta tem o seguinte letreiro: SAINT FRANCISXUS XAVERIUS, e mais abaixo DAVID PETHON. Na base ha ainda alguns letreiros em arabe. A altura é de 0,16. A commissão classificou este artefacto como obra indo-portugueza, mas pelo nome do que supponamos auctor e pela primeira palavra do letreiro, julgamos que o artista seria francez, embora trabalhando na India.

O n.º 60 comprehende um par de castiças de faiança da fabrica do Rato. Representa cada um um golinho com a cauda levantada; na base figuram-se algas, conchas e busios em alto relevo.

E pouco adiante achamos outros productos da fabrica do Rato, são os n.ºs 65 e 66 que comprehendem um prato de faiança e uma terrina com ornatos revelados a branco sobre fundo amarello. A pega da tampa da terrina representa um carneiro.

Da mesma fabrica vê-se ainda o n.º 75 que contém um par de vasos de faiança, representando uma cara de preto com lenço atado na cabeça.

O n.º 89 indica duas jarras ou floreiras de faiança, da mesma fabrica, de feitio elegante; na parte superior do bojo que recurva para a bocca, tres circulos de flores e o resto tudo adornado de flores e pinturas de cores verdes, azues, amarellas sobre fundo branco.

E visto que estamos tratando de faiança mencionaremos a jarra ou floreira da forma singular que tem o n.º 87 b. Representa um anel circular perpendicular á base e pé; a base é circular, e sobre a face do anel, na parte que se liga á base, se levanta um pequeno vaso. Na parte extrema e superior do anel, na linha normal á base ergue-se o bocal de forma elegante, e descendo d'elle pela volta do anel abaixo ha duas pequenas azas delgadas de cada lado, uma das quaes está quebrada. É muito bonito este vaso, cujas pinturas são azues sobre fundo branco.

XLIII

Em armas ha alguma variedade, posto que em armaduras seja escassa e muito incompleta a exposição.

É curiosa a espada que tem n.º 67 e pertence ao nosso amigo sr. Manoel Thimoteo de Andrade Valladares. Tem punho e copos de ouro com labores variados de tropheos, bustos, e cravejadas de pedras como granadas, chrysolitas e outras. Evidentemente foi tomada aos hespanhoes porque tem n'uma face da lamina a legenda: VIVA D. JOÃO DE AUSTRIA, a que o novo possuidor respondeu, mandando gravar da outra face: VIVA D. JOÃO DE BRAGANÇA; e na mesma folha tem a data de 1660. A bainha é coberta de ouro nos dois terços do bocal e da ponta e de velludo cramesim no terço medio, sendo o primeiro cravejado de pedras como os copos. Além do que deduzimos da legenda, apenas se sabe que foi dada de presente a Manoel Timotheo Valladares, antigo governador no ultramar e pae da sr.ª Baroneza da Ribeira de Pena.

O n.º 108 é um par de pistolas em cujos canos ha incrustações em dourado. A fecharia é de pedrreira; o guardamato e chapa do couce ornadas de incrustações douradas.

A corronha é de madeira com varios embutidos de prata e entre elles as armas reaes portuguezas.

Na parte inferior da caçoleta tem a seguinte inscripção: AN.º JOAQUIM DE FIG.º GRÁV. na chapa dos fechos, ARSENAL REAL DO EXERCITO LX.º 1817; na contra-chapa THOMAS JOZÉ E FREITAS. É uma arma de trabalho muito perfeito.

Ha mais umas espingardas, cuja descripção suprimimos e que são obra portugueza do principio d'este seculo, ou fim do passado feitas no Arsenal do exercito, pelo fabricante e artista mencionado, por Manoel do Nascimento Gomes, Vendedor de Meira, Joaquim Antonio da Silva, e rissimo Brazil na Real fabrica da Conceição pelo mestre João Baptista de Sequeira e Antonio José de Freitas, que se podem ver a pagina 205 e 206 do catalogo, relativo á salla K.

O AMIGO VISCONDE

IX

(Continuado do numero antecedente)

Alvaro era da opinião de Izabel. Elle nunca tinha ido senão até Sevilha.

— Conheces Sevilha? — perguntou para o lado.

— Não — respondeu Nuno — não conheço.

— Ah! então...

E começou a falar com enthusiasmo dos encantos de Sevilha. Já os hespanhoes diziam:

Quien no hay visto Sevilla
No hay visto maravilla!

Descreveu a feira da Semana Santa, onde as familias principaes mandam levantar tendas, para darem lá dentro, durante todo o dia, grandes festas. O passeio das Delicias ah! é soberbo! Centenaes de carruagens, mas que carruagens! a rodarem ao longo das ruas! As ruas orladas

de grandes laranjeiras! E, por toda a parte, de carruagem, a pé, a cavallo, lindissimas mulheres, de mantilhas brancas, leque na mão...

E, para fazer um dito esgraçado, terminou: — Uma verdadeira delicia!

Todos se riram.

Agora, pelo que se referia a Paris, confessava que não conhecia, nem Londres tão pouco; mas, pelo que tinha ouvido d'uma e d'outra cidade...

— Estou comsigo, sr.ª D. Izabel. Antes Paris! Mil vezes Paris!

E disse com pompa o que imaginava das voltas do Bois, ao cair da tarde! O desfilar das carruagens pela avenida dos Campos Elyseos! A animação dos cafés! O esplendor dos theatros! Mas, sobretudo, terminou Alvaro com enthusiasmo:

— O Mabile! ah! o Mabile! Os bellos bailes do Mabile!

Nuno, porém, protestou: — Mas tu falas assim, e não fazes a menor ideia do que é Londres.

Alvaro repelia-o, encolhendo os hombros com gesto desdenhoso:

— Deixa lá, homem. Paris! Mabile!

— Em Londres — afirmou Nuno — tens tudo isso.

Então, por sua vez, confrontou o Bois com Hyde-Park.

— Oh! muito mais sumptuoso o Hyde-Park!

A concorrência das ruas de Paris tinha lá comparação com Regent-Street, por exemplo! O Convent-Garden! Havia por acaso algum theatro em Paris que lhe assimilasse!?

Alvaro teimava:

— E depois, menino, fala-me da elegancia de uma ingleza! Enquanto que uma franceza tem um não sei quê! Um chic, hein?

— Apoiado — disse Izabel do lado.

Mas, perdão! Nuno não conhecia nada que podesse comparar-se á belleza ideal d'uma ingleza.

— E os homens? — oppoz então Alvaro — Que me dizes tu d'aquelles typos?

— Por piedade, Alvaro! Um gentleman é o homem mais distincto que se conhece no mundo.

Alvaro gritou:

— Pelo amor de Deus! Então eu não vejo todos os dias esses... beefs, que veem a Lisboa!

Izabel acudiu do lado: — O sr. Nuno de Mascarenhas, pelo que vejo, tem uma verdadeira paixão pela Inglaterra. Pois olhe, eu detesto-a!

Mas, n'esta occasião, o portão de ferro do jardim abriu-se com ruido.

Houve um silencio.

— Quem será? — perguntou Valentina.

Alvaro levantou-se, e foi abrir as portas d'uma janella. Lá fóra, via-se uma noite calma, banhada d'um luar cõr de leite. Um chicote estalou duas vezes. E, por entre as arvores, que, na claridade fria e silenciosa da noite, recortavam a sua folhagem immovel, um coupé rodou surdamente nas ruas do jardim, espalhando para os lados o vivo clarão das lanternas. Ouviu-se bater a portinhola da carruagem; e, logo em seguida, a campainha retiniu. Alvaro sahiu da sala; e, quando voltou, trazia ao lado o seu amigo Visconde de Tagilde. O Visconde vinha de casaca, gravata branca e collete branco bordado. No peito lustroso da camisa destacava-se uma grande perola escura cercada de brihantes pequeninos. Beijou a mão de Valentina e de D. Dorothea, e apertou a mão de Izabel.

— Como está seu pae?

— Não sei se conhece o Nuno... primo de minha mulher? — apresentou Alvaro.

— Ah! — fez o Visconde, voltando-se de repente. Elle não o conhecia; mas não importa! estendeu-lhe logo a mão affectuosamente, dizendo:

— Oh! perfeitamente! Como está você, Nuno?

E sentou-se n'um móxo baixo e estofado, que estava ao lado. Como tinha passado a sr.ª D. Valentina depois da sua viagem ao Minho? Já não tinha migraine? Ainda bem.

Izabel restabeleceu de novo a conversação. Agora, que ali se achava o Visconde, elle diria se era da sua opinião, ou da opinião do sr. Nuno de Mascarenhas.

— Da de v. ex.ª, sem duvida — respondeu logo o Visconde.

Izabel fingiu um gesto de zangada:

— Ora! Ainda não sabe o que é! Oiga primeiro.

E expoz-lhe a questão.

O Visconde arrastou um pouco o moxo para junto da meza, e falou vagarosamente, dando ás palavras um tom grave:

— Eu lhe digo, minha senhora... Hesitou um instante, e respondeu: — Paris! E acrescentou

logo: — Que Paris, note-se bem, já não é o que foi.

D. Dorothea, que se tinha conservado silenciosa, apoiou do lado:

— Muito bem.

E, tirando as lunetas do nariz, collocou-as sobre a mesa, e principiou a falar do seu passado dolentemente. Todos a escutavam com reverencia. Ella tinha estado em Franca no tempo mais feliz do imperio. Assistira a muitos bailes das Tulherias; e, algumas vezes, foi par do imperador, nas quadrilhas reaes. A imperatriz, com quem se dava muito, era um anjo de bondade.

— Hoje — lastimou ella — mudaram as coisas! A duqueza ainda lá esteve o anno passado, e veio muito desconsolada! Porque, imagine, que se não vê ninguem conhecido! Ninguem! É uma tristeza! As principaes familias estão retiradas; por isso, ás festas concorre apenas a... outra gente.

— É certo — concordou o Visconde.

— Que eu não quero dizer que sejam más pessoas! Pelo amor de Deus! Mas, enfim... não é gente assim conhecida. Não acha, sr. Visconde?

Izabel dizia do lado com vivo rancor:

— Eu acho a tal republica seccantissima!

A Alvaro tambem lhe implicava com os nervos o saber que qualquer merceeiro podia chegar um dia a ser presidente. E a Franca estava muito arriscada a isso!

(Continúa.) Alberto Braga.

RESENHA NOTICIOSA

SESSÃO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. — Na da 2.ª classe, realisada no dia 19 do corrente, tratou-se de responder á consulta do ministerio do reino, relativa a uma pretendida obra do sr. João Bonança, concernente aos povos da Lusitania ou da Peninsula. Não se podendo avaliar o trabalho, sem ser lido, resolveu-se informar segundo uma indicação do sr. Silveira da Motta. Estiveram presentes, além d'este sr. presidente da classe, os srs. Silvestre Ribeiro, Tullio, J. Basto e Couto Monteiro.

PASSEIO DE RESISTENCIA A CAVALLO. — Os officiaes do nosso exercito presam-se de manter a sua boa fama. Os srs. Jayme de Castro, Fernando de Serpa Pimentel, Francisco Jayme Quintella, Antonio Augusto Ferreira e Luiz Alberto Corte Real, de artilheria e cavallaria convidaram o commendador Salvi, de quem tratámos no numero antecedente, para um passeio. Sahiram de Belem no dia 22 do mez passado ás 6 horas da manhã, chegando a Cascaes ás 8 e meia. Como o tempo estava allí muito agreste e chuvoso, seguiram logo para Cintra, onde se achavam ás 10 horas. Almoçaram e os cavallos foram recolhidos e pençados nas cavallariças do paço real. Tendo descansado até ás 3 horas, partiram então a vér as caudelarias da Granja, retirando pela estrada de Mafra, chegando a Lisboa ás 7 horas da noite, tendo percorrido 82 kilometros em 8 horas, com um descanso de 5, sem o menor incommodo, indo concluir o dia depois de jantar, ao theatro do Coliseu, conforme o ajustado.

BUSTO DE FRANCISCO D'ALMADA. — Concluiu o nosso notavel artista Soares dos Reis, o busto do celebrado corregedor, a quem o Pôrto tanto deve. Vae ser enviado para Franca ou Belgica para ser fundido, a fim de ser collocado depois no respectivo mausoleu, que se ergueu do cemiterio do Prado do Repouso, fronteiro á capella.

ANTIGUIDADES. — Encontraram-se em Roma, em uma escavação recente, algumas antiguidades egypcias muito curiosas, sendo a mais notavel uma sphynge de marmore rosado.

A MAIOR CATARATA. — Diz um jornal americano que se descobriu a maior cataracta do mundo, proximo da nascente do rio Cowlitz. A queda diz que é de 1500 pés de agua. Se não ha algum erro de imprensa ou de explicação, esta queda é inferior ás da Baviera e de Gavarnie, na Europa e de Nukaiva, na Oceania.

ESCOLA. — O sr. visconde de Clemente de Basto, residente no Brazil, fundou uma escola para ins-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: O barato sae caro.

tracção primaria, á sua custa, em Celorico de Basto, sua patria. A sr.^a viscondessa foi quem deu á execucao a sua idea, dirigida a obra pela respectiva Camara Municipal, e importando em 21000000 réis. Os srs. viscondes pagaram tambem a expropriação do terreno, e mandaram vir a mobilia necessaria, que importou em 1288000 réis. Além d'isso e para não tornarem inutil a construcção, consignaram para remuneração do professor, fundos de assentamento sufficientes para produzirem o ordenado de 2108000 réis para o professor. — Oxalá não seja a sua direcção entregue a algum analphabeto.

A inauguração que foi brilhante, seguiu-se um banquete servido no palacete da quinta da Lapeira.

Bem haja quem assim reparte a sua fortuna. Tão notaveis exemplos devem ter imitadores.

BARCOS-RELAMPAGOS. — O sr. F. S. Pereira dos Santos, julga ter conseguido por meio de engenhosas combinações, inventar uns barcos que designa por aquelle qualificativo, os quaes poderão fazer vinte e cinco milhas por hora.

DIAMANTES DE CANAVEIRAS. — Os jazigos diamantíferos descobertos no mez de setembro ultimo n'aquelle sitio, junto ao rio Pardo (Brazil) a 480 kilometros da Bahia, tem dado resultados maravilhosos. O cascalho está coberto de uma camada de terra vegetal de 6^o 60. — Já se recolheram diamantes que produziram 17,060 quilates; o preço do quilate desceu por um pouco a 4:500 fortes. Da *Chapada* emigram operarios em abundancia para se irem entregar á exploração.

A MOUCLOA. — A sociedade formada em Madrid para fazer resurgir n'aquelle sitio, a fabricacão de porcellana branda, que se havia extinguido desde a guerra da independencia, é presidida pelo conde de Morphy, secretario de D. Alfonso XII. O seu capital é de noventa contos proximoamente; os lucros em 1882 foram de cerca de dois contos de réis, e o producto da fabricacão foi de 16:2008000.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

JORNAL DA INFANCIA, semanario illustrado, instructivo, recreativo e moral. Director litterario J. B. Mattos Moreira, Mattos Moreira & Cardos editores, Lisboa. Alcança já o n.^o 30 este periodico dedicado á infancia, o qual tem sido publicado com a maior regularidade.

CATALOGO DAS OBRAS DE MIGUEL ANGELO LUPI, expostas na escola de Bellas Artes de Lisboa, junho a julho de 1883. Agua-forte de A. J. Nunes Junior. Lisboa, Typographia Elzevieriana, 1883. Um folheto de 32 paginas com o retrato a agua-forte de Miguel Angelo Lupi, e umas resumidas notas biographicas. Este catalogo contém a relação de 273 obras expostas, além da de um grande numero de retratos, etc.

ALMANACH MANUAL DOS CAÇADORES por Zacharias d'Alca, primeiro anno, 1883. Livraria de Cruz & C.^a, editores, Lisboa. Este almanach contém: calendario, caminhos de ferro, legisla-

ção sobre caça, pesca, etc., posturas municipaes sobre cães, porte d'armas, uma interessante secção litteraria, secção cynetica, secção de hygiene e educação, e secção veterinaria.

ALMANACH COMMERCIAL DE PORTUGAL PARA 1883, Porto. Empresa Ferreira de Brito & C.^a 1883. É um volume de cerca de 400 paginas, com a relação dos principaes negociantes, capitalistas e industriaes do reino, bancos, fabricas, companhias, consulados fóro, jornaes e todas as tabelas proprias de almanach.

A FORMOSURA DA ALMA, por Henrique Peres Escrich traducción livre, editor Joaquim Antunes Leitão Porto. Primeiro vol. d'este romance que tem a garantil-o o nome do seu auctor, tão conhecido em o nosso paiz e que é procurado por um grande numero de leitores. O interesse que se desenvolve n'este primeiro volume, dá a medida do que deve ser a continuacão, o que formará um dos melhores romances de Escrich.

O sr. Joaquim Antunes Leitão tem editado a melhor parte dos romances d'este autor, de que já

elementos novos que a archeologia pelos seus descobrimentos; a linguistica pela sua analyse, a geologia pelo seu exame da crusta do globo, e outras sciencias tem fornecido para o estudo não só dos tempos mais recuados da humanidade, mais ainda para o de alguns periodos mais proximos de nós. Esses diversos subsidios estão aproveitados n'este pequeno livrinho com concisão. Quanto a nós o seu unico defeito é não apontar junto de cada facto a sua data; não comprehendemos historia sem datas, e muito menos a poderá entender o povo, se não poder ver logo o synchronismo dos factos dos diversos ramos da humanidade, e poder assim avaliar o seu desenvolvimento e progresso.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL, redacção, João Carlos Adrião, João Antonio de Brissac das Neves Ferreira, João Maria Galhardo, Julio Diniz de Sampaio. — N.^o 6 de 1883. — Encerra este fasciculo a descripção do machinismo e emprego do torpedo Lay, pelo sr. José Cesario da Silva, acompanhada de uma estampa desenvolvida; um artigo com relação aos melhoramentos e refor-

mas necessarias, no importante corpo de os facultativos da armada, e garantias para o seu futuro; são sempre uteis estes clamores, ainda que estejamos habituados a ver que se não faz caso d'elles. — A condição dos militares, e empregados militares de terra e mar estão carecendo ha muito de uma reforma sensata e radical, e porisso tão simples, que parece incrível se tenha descuido por tanto tempo. Ha ainda outros artigos relativos aos navios e manobra, bastante interessantes.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, fundada em 1875, 3.^a serie — n.^o 9 — Lisboa, Im-

pressa Nacional — Traz este fasciculo, additados com alguns documentos os artigos que o sr. Sousa Viterbo, professor da escola de Bellas Artes, publicou em varios jornaes, com relação a alguns objectos preciosos que se viam na exposicão retrospectiva de arte ornamental, e a outros que o tempo ou os cataclismos de varias especies tem feito desaparecer. Como artigos de occasião tinham todo o merecimento, agora porém depois de um anno de repouso, sobre aquella faina, tinhamos direito a esperar obra mais completa do illustrado professor, e que podesse servir de guia e pharol aos nossos artistas.

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, directores litterario-cientificos Theophilo Braga, Teixeira Bastos, directores — proprietarios, Carrilho Videira, Ernesto Pires. Lisboa. Nova Livraria Internacional, 96, rua do Arsenal 1883. Primeiro anno — n.^o 5 — junho de 1883. Encerra este interessante fasciculo: *Elementos da nacionalidade portugueza (os celtas da Lusitania)* pelo sr. Theophilo Braga, e o 4.^o artigo d'este seu estudo. *Theorias historicas e escolas litterarias no Brazil*, pelo sr. Sylvio Romero. — *Atheismo inconsciente (u Ideas innatas)* por Teixeira Bastos. — *Estudos botanicos*, por Filippe de Figueiredo. — Bibliographia.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Theouro Velho, 6



AFRICA PORTUGUEZA. — OBSERVATORIO METEOROLOGICO DE LOANDA (Segundo uma photographia)

tem feito novas edicões, e é isto o seu maior elogio. *A Formosura da Alma* é illustrada com gravuras impressas em separado.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO, 2.^a serie, redactor Joaquim de Araujo n.^o 1 junho de 1883. Porto. O Summario d'este boletim é: Relatorio Annual da Sociedade, por Oliveira Martins; representacão dirigida ao governo sobre o Porto de Leixões, por Henrique Carlos Meirelles Kendall; sobre o meridiano universal, por A. P. Paiva e Pôna; archeologia geographica, por Ernesto do Canto; navegadores celebres, por F. M. Bordalo, etc.

O INSTITUTO, revista scientifica e litteraria, vol. xxx, junho de 1883, segunda serie, n.^o 12, Coimbra. Entre outros artigos, continuados de numeros anteriores, publica: *A Basilica de Mafra*, por Joaquim da Conceição Gomes. *A Verdade e a Fabula*, por H. O'Neill, etc.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, 3.^a serie, anno — oitava serie, 1883. David Corazzi, editor. *Empresa Horas Romanticas.* Premiada com medalha de ouro na exposicão do Rio de Janeiro. Administracão: 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, rua da Quitanda, Rio de Janeiro — numero 58. Trata este voluminho da *Historia antiga*. A historia do universo, ou antes a historia do homem sobre a terra, vae alargando todos os dias os seus dominios, corrigindo as noções que os escriptos e as relações tradiconaes nos tem transmittido, adquirindo